



MATOS, Odilon Nogueira de. A PUCC e os Simpósios de História (I).  
Correio Popular, Campinas, 25 set. 1975.

## A PUCC e os Simpósios de História (I)

*Correio Popular*  
Odilon Nogueira de MATOS

Realizou-se na primeira semana do corrente mês, em Aracaju, o VIII Simpósio Nacional de Professores Universitários de História. Era minha intenção comparecer à importante reunião, mas circunstâncias superiores impediram-me de o fazer. Todavia, soube, pelo depoimento de colegas que lá estiveram, do êxito do simpósio, que contou com mais de setecentos inscritos e com a apresentação de mais de setenta trabalhos que, oportunamente, serão publicados nos respectivos anais. Mais uma vitória, pois, do Professor Euripedes Simões de Paula e de seus companheiros, no afã de congregar, em reuniões bienais, os professores universitários de História.

Embora sem poder comparecer à reunião da capital sergipana, enviei, para distribuição aos simposiastas lá reunidos, um número especial da "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicação de nossa Pontifícia Universidade Católica, dedicado ao Estado de Sergipe e constituído de uma seleção de textos de autores sergipanos de interesse para a historiografia brasileira. Estou ciente, por cartas de amigo de Sergipe e pelo depoimento dos que lá estiveram, da excelente receptividade que esse fascículo alcançou projetando, assim, a nossa PUCC e, conseqüentemente, também nossa cidade. Ainda mais que esse número foi honrado com uma apresentação do Magnífico Reitor, Dr. Barreto Fonseca, dirigindo, em nome da Universidade, saudações aos professores que compareceram à reunião de Aracaju.

Todavia, antes de cuidar desta "presença" da PUCC no VII Simpósio de Professores Universitários de História, julgo oportuno um retrospecto dessa atividade, atualmente um dos grandes acontecimentos na história cultural do Brasil, no setor congressos, conclaves, simpósios, encontros, colóquios, reuniões ou que outro nome tenham.

A idéia de reunir os professores universitários de História para o debate de uma série de problemas que então se configuravam face a uma anunciada reforma do ensino universitário partiu da Faculdade de Filosofia de Marília em 1961. Embora distinguido com um honroso convite para ser um dos conferencistas da reunião de Marília (distinção que não foi tanto a mim, mas à Universidade Católica de Campinas, que lá representaria), não me foi dado comparecer a essa reunião pioneira, também por motivo de doença em pessoa de minha família. No simpósio de Marília, foi decidida a fundação da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, bem como a realização periódica dos simpósios, marcando-se o segundo já para o ano seguinte em Curitiba.

Seguiram-se o terceiro, em Franca, em 1965 e o quarto, em Porto Alegre, em 1967. Na reunião francana votou-se pela periodicidade bienal das reuniões. Na capital gaucha votou-se por Salvador como sede do quinto simpósio. Já quase às vésperas de sua realização, em março ou abril de 1969, ficou-se sabendo que, por motivos

imprevistos e imperiosos não teriam os colegas baianos condições para a efetivação do simpósio não apenas programado, mas até anunciando. Foi quando o Professor Euripedes Simões de Paula, presidente da entidade promotora expediu circular solicitando sugestões para a possível sede do Quinto Simpósio.

Aqui entra a bela participação de nossa Universidade Católica. Aproveitei uma reunião do Departamento de História, então dirigido pelo Professor Ersio Lensi, para comunicar o teor da circular do presidente da Associação Nacional dos Professores Universitários de História. Foi quando o então estudante Ademir Gebara indagou se o simpósio não poderia realizar-se em Campinas. A princípio, fiquei em dúvida. Pela minha experiência de participação nos simpósios anteriores, não via muitas possibilidades de nossa então modesta Faculdade de Filosofia sediar tão importante reunião. Ainda mais que, das vezes anteriores, os simposios realizaram-se sempre em institutos oficiais, naturalmente mais bem dotados de recursos. Seria a primeira vez que uma instituição particular se abalancaria a uma responsabilidade de tal natureza. Os estudantes insistiram. Perguntaram se nós os professores, nos importariamos se eles fossem falar com o Reitor. Era evidente que não iríamos nos importar. Foram e falaram.

O resultado foi que, na tarde daquele mesmo dia, levava para o Professor Simões de Paula o ofício do nosso Reitor oferecendo a Universidade Católica de Campinas para sede do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História.

Aceito o oferecimento o mais foi torná-lo exequível. Expedidas pela Secretaria da ANPUH as primeiras circulares concretizando a idéia, tratamos de cuidar dos preparativos da reunião. Tudo isso aconteceu durante o mês de junho. A dispersão naturalmente provocada pelas férias de julho fez com que, praticamente, tivéssemos apenas um mês para os trabalhos de preparo do Simpósio. O importante foi que ele saiu. E saiu melhor do que poderíamos prever. A começar pela afluência: esperávamos umas cem ou cento e cinquenta pessoas e compareceram mais de trezentas! O que valeu foi que todos gostaram, apesar de alguns inevitáveis contratempos e aborrecimentos por parte de alguns que, chegando atrasados, não mais encontraram o material que fora distribuído. Mas, no fim, todos compreenderam.

A cordialidade campineira esteve presente em todos os momentos, e ainda aqui não poderíamos deixar de reconhecer a colaboração dos estudantes, que, como recepcionistas e monitores, deram uma nota de grande simpatia. E veio gente de todo o Brasil, desde o saudoso Professor Figueiredo, do Ceará, até uma numerosa delegação gaucha, que precisou fretar um ônibus. Muitos vinham a Campinas pela primeira vez, e alguns nem fuziam idéia da importância de nossa cidade. O que, todavia, mais agradou a todos foi o ambiente cordial, o calor humano de nossa então modesta Universidade. Todos sentiram-se "em casa". E depois que a Reitoria determinou a suspensão das aulas nos últimos dias da Semana da Pátria, aí, então, a Universidade ficou sendo nossa. Pelo "pátio dos leões", e pelo jardim interno no velho solar do Barão de Itapura, espalhavam-se os simposiastas, como nos dias normais espalham-se os alunos. Era gostoso ver professores de todo o Brasil, muitas vezes, tertulhando ao pé das belas palmeiras imperiais.